

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 22 de Outubro de 2014**

- *La notte che ho visto le stelle*
- *Il desiderio*

Texto de referência: J. Carrón e D. Proserpi «Não sou quando não estás aqui», Revista Passos – Página Um (<http://www.revistapassos.pt/>)

Recomeçamos! Como lembrava Davide na Jornada de Início de Ano «o primeiro propósito de recomeçar (...) é não perder o gosto do caminho» (pág.1), pois é a única coisa que mantém desperto o desejo. Mais uma vez, os canticos ajudam-nos a identificar a questão: «Na noite em que olhei as estrelas / não queria mais dormir / queria subir até lá, ao alto, para ver/ e para compreender» («La notte che ho visto le stelle», letra e música de C. Chieffo). O oposto de sentimental!

Porque o desejo, diz Gaber «é o primeiro impulso para conhecer e compreender («Il desiderio», G. Gaber e A. Luporini). Por isso, retomamos o caminho, pelo desejo de conhecer e compreender. Mas conhecer e compreender o quê? O real. «Na noite em que olhei as estrelas / não queria mais dormir / queria subir até lá ao alto para ver/ e para compreender» e daqui decorre tudo o resto.

Por isso, agarramo-nos a este caminho, porque sem significado, sem perceber o significado de viver vive-se mal, não se vive como homens, vemos somente o nosso retrocesso que as palavras não param. Porque também nós podemos estar parados.

«Agradeço-te pela Jornada de Início de Ano porque falaste precisamente para mim. Vou tentar explicar o que me aconteceu. Há algum tempo que estava parada, a minha autoconsciência estava parada. Dava-me conta disso, porque o meu eu não crescia e em face dos contínuos desafios da minha vida prevalecia o lamento, a tristeza, a ansiedade. Levantava-me de manhã perguntando-me: agora o que faço? Como encho o vazio e o dia? Não via o objectivo, o sentido e a vocação da minha vida. As coisas que fazia eram um fazer só para não sentir a tristeza [mas isto não chega, mesmo que consigamos encher o tempo com o fazer]. Em suma, um verdadeiro inferno que me tirava a respiração. Todas as experiências vividas nestes anos tinham sido quase esquecidas, como os discípulos que tinham a “padaria” com eles, mas lamentavam-se pela falta de pão. Já não tinha uma esperança. No sábado de manhã fui buscar o passe para a Jornada de Início de Ano e li o título “Não sou quando não estás aqui”. Pensei: esta sou eu, o meu coração dizia-me precisamente isto. Dava-me conta que esta era a minha posição, mas não conseguia sair dela. Voltando a casa, imprevistamente, senti-me mais leve e com uma alegria de que não sabia explicar a origem. No entanto, tinha a certeza que não era um sentimentalismo ou a prevalência de estados de ânimo positivos; o meu coração dizia-mo pelo sobressalto que tinha tido, sabia apenas que esta alegria existia e não via chegar a hora de te ouvir. Quando começaste a falar, tudo me descrevia e a canção de Gaber parecia escrita para mim. Escrevo-te agora, que ainda não saiu o texto da lição, e por isso não sei retomar os pontos que enunciaste, mas posso dizer-te com segurança que, seguindo-te, o meu eu foi despertado e a minha autoconsciência está de novo em movimento, porque apesar de os desafios da vida serem os mesmos, aliás, aumentaram, tenho uma galhardia que me faz enfrentar tudo com a certeza que Ele vence tudo, que me quer agora e que a minha vida tem um sentido. Obrigado pelo trabalho que com paciência nos está a fazer fazer, como um pai que não se cansa de me agarrar, encorajando-me, indicando-me o caminho que desperta continuamente o meu eu».

Li isto para começar, porque aqui está o método. Ela pode compreender a Jornada de Início de Ano, intuir todo o seu alcance, porque já lhe tinha acontecido como experiência. No fundo tinha uma experiência que lhe permitia compreender. Não é que primeiro devesse compreender e depois viesse a experiência; não, compreendo porque faço experiência de viver. Este foi o método desde o capítulo I do *Sentido Religioso*. Se queremos perceber o que é o Sentido Religioso, torna-se necessário não partir dos livros, mas da experiência. Só se nós, fazendo estrada, partimos da nossa experiência, é que podemos perceber toda a dimensão daquilo que nos é dito e que lemos nos livros, pois de outra forma podemos repeti-lo, podemos pensar possui-lo, mas nada muda e cada um fica parado e lamenta-se. Mas a esta amiga já tinha acontecido alguma coisa antes de chegar, simplesmente no primeiro embate, no pressentimento de verdade provocado apenas pelo título. É este impacto com a realidade que nos desperta.

Ensino e há poucos dias estivemos juntos numa sessão do liceu, que começou com uma lição nocturna no Planetário. Trezentas pessoas entre estudantes e professores, de todos os géneros, e quando diminuíram as luzes – foi um momento de escuridão total – apareceu a abóbada celeste e todos os trezentos não podemos conter um «Ooh!». Uma reacção de maravilhamento que surpreendeu até o relator, que se interrompeu por um pouco. E, ali, veio-me imediatamente à ideia aquilo que tu referiste na Jornada de Início de Ano, quando dizias: «É como se a realidade, um momento antes de nos podermos defender dela, antes de levantarmos um muro contra ela, conseguisse penetrar no eu para torná-lo ele mesmo». (p. IV). Foi, propriamente, um momento de sinceridade para todos que tornou possível gozar os três dias que vivemos. Nos dias seguintes retomei o episódio na aula, dando-me conta do que significa ser companhia também para os miúdos: da ajuda a não nos defendermos do convite da realidade, até procurar descobrir juntos quem nos chama através daquele «ooh!» que fez nascer em nós. Impressionou-me o quanto tomar a sério como hipótese de leitura da realidade o que tu estás a propor, enriquece um aspecto que aos demais pode escapar e que aquilo que sucede é a verificação da verdade daquilo que tu propões. O problema não é estar de acordo contigo, mas arriscar naquilo que tu dizes para estar dentro nas coisas.

O problema não é estar de acordo, o problema é que aconteça este «ooh!», porque mesmo que nos puséssemos de acordo sobre os conteúdos sem este embate tudo seria inútil. A questão é se no nosso caminho, no caminho que cada um está a fazer cresceu a possibilidade do espanto ou se diminuiu a possibilidade do espanto pelo já sabido. É isto que nos lembram sempre os amigos novos: testemunham-nos o que é o embate do ser, o que é o embate do real, o que é o embate do que cantámos sobre as estrelas, como os miúdos do Planetário. Apanhados quase de imprevisto, não podemos impor ao real uma posse, não podemos impor ao real um esquema nosso, a nossa medida, as nossas categorias e não nos deixarmos surpreender.

A medida do caminho é exactamente esta: se crescemos nesta disponibilidade. Mas, tantas vezes, para nós crescer significa que cresce o “já sabido”. Mas o “já sabido” não pára o regredir, porque tudo o que desejamos é que, face a qualquer acontecimento, face a qualquer pedaço do real, reaconteça este espanto, este estremecimento que nos permite experimentar uma plenitude que nenhuma das nossas tentativas nos pode dar. E isto pode suceder não apenas diante das estrelas, mas perante qualquer pedaço do real.

Há já algum tempo que, sobretudo a partir da pergunta que o Prospero te fez na Jornada de Início de Ano, nasceu com muita força em mim a pergunta sobre o que me torna verdadeiramente eu mesma em cada dia. Aconteceu-me este facto que me ajudou a perceber mais esta coisa. Na semana passada estava a tomar café com alguns

amigos, e havia um professor nosso que tinha o olhar fixo no vazio, desconsolado, como que vencido por tudo. Eu conhecia um pouco a história deste professor, sabia que estava doente, conhecia-o, no entanto senti uma ternura infinita por ele, e então fui ter com ele simplesmente para perguntar como estava. Esta coisa tocou-me, porque ele mudou imediatamente de cara, como se esperasse que alguém o tratasse como homem. Começou a contar-me da sua doença, do facto que para ele cada coisa durante o dia era um obstáculo. A mim isto impressionava-me, porque a pouco e pouco ele fazia com que retomasse consciência daquilo que tomou a minha vida, que aquela pergunta sobre o que me faz ser verdadeiramente eu mesma, estava diante de mim. Nunca neste último período fui tão eu mesma como naquele instante no qual segui o meu coração, aquele impacto inicial. E espantava-me, porque com aquela pessoa terei falado três vezes na minha vida, era um estranho, mas estava a tornar-se um companheiro incrível à minha vida. Isto espantou-me muito, sobretudo no que se relaciona também com uma outra coisa que dizias em Assago, ou seja o facto de que a realidade se torna nossa companheira. Naquele instante é como se alguém me tivesse dado um estalo e me tivesse dito: olha que a realidade, assim como é, é para ti, para o ponto do caminho em que estás; agora, com as perguntas que tens, a realidade, se a olhas até ao fundo, é para ti; é preciso porém que tu aceites o desafio, tens de ser humana até ao fim. E para mim ser humana, naquele dia, foi simplesmente ir atrás daquele impacto inicial e não do “já sabido” (ou seja que se tratava dum doente), de outro modo nem lhe teria perguntado como estava. Este episódio toca-me, porque é como se me tivesse devolvido os instrumentos para perceber quando é que sou eu mesma. Porque tantas vezes eu penso que o problema sejam as circunstâncias. Mas a coisa mais incrível que ando a descobrir é que consigo pôr uma máscara na minha cara quando estou com os meus amigos mais queridos e ao invés uma pessoa que nem conheço “fala-me” assim. E então, qual é o ponto?

Qual é o ponto na tua opinião?

Eu ali descobri que fui atrás do impacto inicial do meu desejo.

Não importa a cara que tem o pedaço da realidade. Pode ser uma pessoa que passa por uma dificuldade e se torna companheiro, torna-me eu mesmo, até ao ponto de ver que a realidade é para mim, não aquela irrealidade que eu imagino, mas aquela que encontro ali, dada, diante dos meus olhos. Como me escreve uma outra pessoa, diante da doença da filha: «Enquanto esperava [o fim da intervenção cirúrgica da filha], olhando à volta notava nos rostos a preocupação e a angústia, mas eu não estava preocupada. E perguntei-me: será que sou louca? Mas a resposta foi evidente: eu estava tranquila porque certa de que a minha filha estava antes de tudo nas mãos dos médicos, mas sobretudo nas d’Aquele que a ama e a tomou a ela e a mim. Estou verdadeiramente grata porque, nas circunstâncias que me dá que viver – este ano também muito difíceis –, Cristo permite-me fazer experiência duma plenitude indescritível. Eu não sou se Tu não estás. Para mim é cada vez mais evidente que só Ele enche o meu coração, e o desejo de cada manhã é o de surpreender como me surpreenderá. O meu desejo está sempre mais escancarado. Não me contento de viver tranquila, quero saborear a realidade através da modalidade com que esta realidade me é dada». Mas depois tantas vezes surpreendemo-nos que decair faz parte da dramaticidade de viver, que podemos ter esta experiência e depois decair.

Pelo meu trabalho acontece com frequência estar a circular ao alvorecer, mas também à noite quando se regressa cansados do dia, naqueles momentos em que tudo está tranquilo, não tomado pelo frenesim. E acontece-me muitas vezes dar-me conta que tudo está como que tomado por um abraço maior, e revejo naquele instante a sucessão

dos acontecimentos que fizeram e fazem a minha vida e toma-me uma paz verdadeira, fruto da certeza que tudo vai para onde deve ir, isto é para o meu bem e de cada um. Mas depois dou-me conta que isto é remergulhado na espiral do quotidiano...

«Mas depois». Eis o mítico “mas depois”!

...na espiral da quotidianidade, onde frequentemente sou tomado pela ansiedade de andar atrás de qualquer coisa que ainda não é e que nunca é, mas também como se devesse às vezes estar atento para não perder algo.

Mas foste tu que o deste a ti antes? Deste-o a ti antes?

Não.

Porque te vem a ansiedade? O que é que não aprendemos com o que acontece? Não é que tu não o tenhas experimentado! Mas é como se nós não aprendêssemos isto, não fazemos experiência disto, não cresce a nossa autoconsciência, e depois, no instante a seguir, mudamos o método, como se devêssemos «andar atrás de qualquer coisa». Mas tu andaste atrás de qualquer coisa para te espantares diante da realidade? Percebe-se onde nos desviamos?

Sim.

E então?

É a desproporção estrutural entre o que se espera e o que se pode atingir com as próprias forças. E para mim é a percepção de estar perenemente à espera de outra coisa que nunca é, e que não sei definir. E no concreto, bom, com uma família, seja pelo dinheiro que não chega e é preciso estar sempre atento porque chegam as despesas imprevistas, seja pelo trabalho que talvez não espelha aquilo que pensarias ser proporcionado ao que estudaste, seja talvez por certas posições tomadas pela minha mulher que posso não partilhar e não aceitar mas que envolvem a minha vida...

Vem-me à mente aquela frase do Papa: «Muitas vezes é melhor abrandar o passo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou à borda da estrada». A mim parece-me às vezes que abrandar o passo queira dizer perder qualquer coisa que talvez vá adiante, ou então, envolvendo-se, acabar fora da estrada, porque a “tocha que se encaminha para o abismo” pode implicar para mim o medo de acabar lá eu também, porque não sou o puro que acompanha, mas o pobretanas frágil que pode acabar por lá cair. E então dou-me conta que, por reacção, salta a tentativa de se proteger de qualquer coisa que parece atacar-te, que não capto como uma ocasião para a minha maturidade. E não são necessárias obviamente as grandes temáticas, basta o quotidiano banal. Mas obviamente aquilo de que depois te apercebes é que o dia se torna companheiro dum surdo lamento de fundo, constante, que te deixa cansado, irritadiço, descontente, mas nunca lieto. Dizias nos Exercícios (da Fraternidade, NDT) que não basta obviamente que Ele esteja, nem o nosso fazer, mas o que é preciso viver o que me faz crescer, implicando um juízo sobre o que experimentámos ou vivemos. E então pergunto-te: o que me liberta desta mesquinhez da fragilidade e da convivência com o mal?

E porque é que te preocupas com a fragilidade? Tu, com a tua fragilidade, ao amanhecer ou ao pôr-do-sol espantas-te de qualquer modo. Portanto a fragilidade não é uma objecção para que experimentes isso. Mal nos deslocamos - «mas depois» -, começamos a andar atrás de tudo, e a dirigir-nos para o abismo. Porque se não percebes isto, ou seja onde está o que te faz crescer, se não te dás conta quando acontece, depois estás à mercê da mentalidade de todos. Não é que não tenhamos feito experiência de alguma coisa que nos é dada e que nos corresponde mais do que qualquer outra; mas como não nos damos conta, quando nos deslocamos (por qualquer circunstância), começamos a andar atrás daquilo de que andam todos. O que é que nos ajuda? Dar-nos conta. Eu não tenho outra coisa a dizer-te do que o que tu já viste na tua experiência. A questão é se tu não

aprendes da tua experiência. É este o amadurecimento. O amadurecimento não é que tu, a uma certa altura, não tens mais estes problemas – todos os temos –, mas que não és tomado pela ansiedade de dever andar atrás das coisas. O que é que me fez levantar esta manhã? Quantas vezes somos conscientes disso durante o dia? Continuamos a andar atrás das coisas, sempre mais cansados, sempre mais fartos, e depois dizemos: o que nos ajuda? Ajuda-nos aquilo que tu já viste, tocaste com a mão na tua experiência. Se nós não submetemos a razão à experiência, como nos ensinou sempre *don Giussani*, é como se não aprendêssemos, nunca! Toda a segunda lição dos Exercícios é sobre este ponto, porque também os discípulos não percebiam, tal como nós tantas vezes não percebemos. Não o digo como uma repreensão, mas para que identifiquemos verdadeiramente bem onde está a questão, para que voltemos àquele ponto onde tudo me é dado, à realidade como originada, como dada. Este é o problema, diz *Giussani*, crucial. Recordemo-lo: «[Este é o] problema do homem como religiosidade – que é o problema mais profundo e totalizante do homem –: é necessário antes de mais tornar experiência pessoal [não que aconteça por acaso de manhã cedo, sem dar-me conta pessoalmente do que está a acontecer: tornar experiência pessoal!] a relação entre o homem e a realidade na medida em que é originada» (p. V), porque então tu não deves andar atrás de outra coisa senão o que percebeste como sendo correspondente. De outro modo não fazemos o caminho.

Para mim este último período tem sido um pouco duro, a realidade não me dá retorno. Começo o dia com o bom propósito de Lhe dar tudo e, em vez disso, à noite vejo-me a apanhar os pedaços do meu projeto, que com frequência causa danos. «Onde estás?», grito eu às vezes. Tinha um grande desejo de ir à Jornada de Início de Ano e quando li o título, «Não sou quando Tu não estás», senti logo uma imediata correspondência. Chegou finalmente esse dia e quando comecei a ouvir-te esta correspondência tornava-se cada vez mais forte mas...

Não é que não façamos experiência! «Mas...».

Mas se a letícia não permanece...

O mítico «mas» e o mítico «mas depois» anulam tudo, como se não tivesse existido nada.

Mas se a letícia não permanece depois de um dia assim, então alguma coisa está mal.

Não! Não é que esteja alguma coisa mal. Está muito bem! O que é preciso é que volte a acontecer. A questão é que nós pensamos que aconteceu de uma vez por todas. Mas gostavas que o teu marido, porque te disse uma vez: «Amo-te», nunca mais o dissesse? De modo algum! Seria o maior tédio na relação. Mas tu queres isto? Querem realmente isto? Não é muito mais interessante que tenhas a urgência e a possibilidade de dizer ainda e continuamente «Tu» a Cristo, de reconhecer que Ele está e que te ama? Esta é a questão. E então?

Mas se as circunstâncias são o modo, o instrumento com o qual o Mistério se faz presente a mim e à minha vida, onde está o desejo? Onde estão as escolhas que cada dia a vida me pede, ainda assim, para fazer? Porque diante das circunstâncias somos livres. Mas se diante de, qualquer que seja a coisa, eu escolho uma estrada em vez da outra, onde é que acolho o Mistério e onde é que não O acolho? Porque se tudo aquilo que me acontece (mesmo as coisas dolorosas) é sempre o Mistério que vem ao meu encontro, o risco que corro é de me sentar a olhar, já que o Mistério está presente. Mas não acredito que seja assim. Há algum tempo atrás aconteceu-me ter um momento difícil e a certa altura pensei mandar tudo “à fava”. Os meus amigos mais próximos disseram-me que até aquela circunstância pesada e dolorosa era um recurso, era o Mistério que vinha ao meu encontro. Ao princípio pensei que fossem loucos, que

tivessem enlouquecido. Depois experimentei confiar. Mesmo se a experiência destes meus amigos de quem gosto muito é uma experiência comovente, a mim não me basta. Ou melhor, basta-me para dar o primeiro passo mas não para continuar o caminho. Eu quero que aconteça comigo a experiência do abraço do Mistério.

Veem? Porque não te sentas ali a olhar, já que está presente o Mistério? Porque não?

Porque desse modo não seria livre, penso eu...

Sim. Mas a questão é que para ficar ali, diante de uma circunstância assim... Como acontecia aos mártires diante dos leões. Estava presente o Mistério e então o que faziam? Sentavam-se a olhar?! Para estar ali, diante dos leões, era necessária uma actividade! Como dizia S. Tomás, é necessária uma actividade para não fugir, para dizer sim à circunstância que te é dada. Porque sem esta actividade, a tentação que temos é a de fugir. Isto é muito diferente de dizer que, como existe o Mistério, estou ali em paz! Não! A tentação é de fugir. O que é que permite que tu, pelo contrário, fiques? No final dizias que, no fundo, há qualquer coisa que te sufoca. Por isso tantas vezes foges em vez de ficar. Como o filho pródigo. Já tinha o pai, já tinha a casa. Porque não ficou? Porque a situação o sufocava e, como acontece contigo, tem vontade de fugir porque pensa que é a modalidade para ser mais livre, para ser mais ele mesmo. Quanto tempo será necessário para que o filho se dê conta de quem é, do desejo que tem e para que tenha a possibilidade de olhar com um olhar novo para o seu pai? Isto é belo! Nós pensamos que não é necessária a nossa liberdade e o nosso caminho. Mas é somente quando fazemos o caminho, que nos damos conta do que é que nos convém escolher, em que coisa consiste a liberdade, isto é, a satisfação do meu desejo, como *don* Giussani sempre ensinou a definir a liberdade. Tantas vezes, a realidade que nos é dada sufoca. E a tentação não é dizer: como está presente o Mistério, fico aqui tranquilo. Não! A tentação é fugir mesmo quando a realidade é positiva como acontece com o filho pródigo. O que é que te permite não fugir e dares-te conta de um modo diferente de ver as coisas? Quando é que o filho pródigo começou a ver as coisas de um modo diferente? Quando percebeu que comer com os porcos não era a coisa melhor do mundo começou a dar-se conta da necessidade que tinha. Começa novamente a olhar bem para a realidade. Não foi ao psicólogo, nem fez yoga. Não! Simplesmente viveu a realidade na sua profundidade e vivendo a realidade na sua profundidade percebeu o que era a realidade que já pensava saber, descobriu finalmente a sua realidade e a do pai. Todo o caminho da vida está aqui. De quanto tempo precisamos para descobrir estas coisas? Nós pensamos muitas vezes: já sei. Tu pensas que já sabes quem és, qual é a tua necessidade, pensas que conheces a realidade, o teu marido e tudo isto te sufoca. Quanto tempo será preciso para que te conheças verdadeiramente a ti mesma, conheças bem a realidade e conheças bem o teu marido? É a estrada da vida. Se não percorrermos esta estrada podemos estar em casa como o filho mais velho: com o mal-estar de ser filho, como o mal-estar que sentimos tantas vezes na realidade quando tudo sufoca. Porquê? Porque é um problema de conhecimento. Temos de aprender a conhecer bem a realidade, ao ponto de a percebermos na sua verdade. Só quem arrisca fazer esta estrada pessoal, diz Giussani, pode fazer com que se torne «experiência pessoal a relação entre o homem e a realidade enquanto originada».

Seguindo o fio condutor da Jornada de Início de Ano, a um certo ponto há como que uma mudança de registo, que tu fizeste ao descrever a decadência em que nós voltamos a cair normalmente, até à imagem da gaivota, aquela maldita gaivota que já não tem vontade de voar. Impressionou-me porque é como se tivesse aberto uma possibilidade terrível para a minha vida. Depois, a um certo ponto, dizes que o Mistério não se esqueceu de mim e não me deixou só com as minhas tentativas. Ora bem, isto é como se

isto tivesse aberto inesperadamente um alento no coração, esta passagem foi para mim uma ajuda diária, porque quando voltei a estar diariamente com os negócios, as vicissitudes, as dificuldades, o nervoso, aquilo que não funciona, em suma, submerso na realidade, assim que conseguia, podia deter-me e dizer – visto que também as minhas tentativas eram confusas – que Ele não se esqueceu de mim, isto é, podia retomar a consciência de que a coisa mais evidente é que Ele não se esqueceu de mim, por tudo aquilo que eu sou. Era como recomeçar, foi o ponto para recomeçar, mas dez vezes ao dia.

E em que é que se via que recomeçavas a partir da relação com a realidade?

Acima de tudo, porque me passava a pretensão sobre a realidade que me fazia irritar. Como que a dizer: estava presente. Já não tinha a ânsia de dominar o real, estava diante da realidade por aquilo que ela é, com abertura, sem a raiva que nasce do facto de que ela não é como eu quero. O ponto que me fazia viver estava ali, por isso depois tudo podia acontecer.

O ponto estava ali. O ponto está sempre ali. Porque O encontrámos. Mas muitas vezes, reconhecer isto é a última coisa que nos passa pela antecâmara do cérebro. Mas quando uma pessoa recomeça daí – o Mistério não se esqueceu de mim agora, agora -, começa a respirar, e a relação com a realidade recomeça, como diz um testemunho que vos leio: «No início da Jornada de Início de Ano, disseste aquela frase: “alguma coisa entra na minha vida e torna-me presente a mim mesmo”». Fala da sua relação com a realidade através do seu trabalho, a sua profissão de educadora, e depois diz: «Finalmente foi-me colocado o problema do depois, ou seja, do que acontece depois de ter vivido o encontro e ter-me dado conta de que forma eu posso servir, e coloquei-me o problema da estrada. E dei-me imediatamente conta de que se tornava cada vez mais premente a pergunta: mas de onde é que eu recomeço quando estou como as crianças? Bastava recomeçar daquilo que tinha à minha frente: das crianças, da realidade. Isto não teria sido possível sem um trabalho sobre a Escola de Comunidade. E desta forma renasci e a minha personalidade floresceu numa forma incrível, tanto que também este Verão voltei a aceitar fazer o mesmo trabalho. Quando depois, em Setembro, acabei aquele trabalho de Verão, comecei a trabalhar num ATL e o método que tinha aprendido não mudou [o problema é aprender uma forma de estar na realidade, porque esta pessoa fez um caminho, não se limitou simplesmente a trabalhar para ganhar o dinheiro que precisa para viver, fez um trabalho dentro do trabalho, não só para aprender a sua profissão, mas também para aprender a viver, a viver]. É o seguimento da Escola de Comunidade, a afeição por ti, por todas as circunstâncias da realidade que me fazem verdadeiramente ser eu mesma, um eu verdadeiramente uno, e nunca estive tão feliz e com o coração tão cheio de afeição pelo Movimento, e cada simples gesto se tornou uma ocasião para a minha vida. E a prova é que sofri um aborto espontâneo e no dia seguinte fui trabalhar com a dor de ter outro filho no Céu, porque é a segunda vez que me acontece, mas com a certeza de que aquela circunstância, como todas as circunstâncias, são o modo como Deus me torna uma e me faz tornar-me grande [O Senhor chama-te ali, não onde tu decidiste]. E assim a minha oração da noite já não é: dá-me um filho, mas: faz-me aceitar a Tua vontade», ou seja, ajuda-me a viver a realidade como dada, abre-me os olhos sobre toda a realidade que me dá. A nossa amiga começa a pedir não que se cumpra a imagem que ela tem da vida, mas que comece a olhar para a realidade que lhe é dada. Cristo entrou no mundo para ajudar este caminho humano. O carisma que nós recebemos e do qual participamos, a graça de *don* Giussani, é precisamente esta: ajudarmo-nos a estar no real com toda a nossa consciência de homens. Para nós a fé tem a ver com toda a realidade, com o modo concreto com que nós vivemos tudo. Sem isto, não perceberemos a fé como pertinente às exigências da vida. Quando, pelo contrário,

isto acontece, tudo se torna uma ocasião e cada gesto que propomos, começamos a olhá-lo assim. Por exemplo, a venda da *Tracce*. «Querida dizer-te rapidamente o que significaram as palavras do último parágrafo da Jornada de Início de Ano: “Eu só posso preferir se me dou conta de que fui e sou preferido, se vivo desta preferência, se esta preferência me torna tão transbordante que se torna contagiosa, me torna capaz de preferir todos, de arrastar outros. É assim que podemos arriscar, porque quem não arrisca não poderá reconquistar tudo isto hoje e alcançar aquela unidade de vida que todos desejamos” (p. XV). Estas palavras tornaram-se num teste de verificação nos dois dias de venda da *Tracce* [não é que não temos mais nada para fazer e propomos gestos apenas para preencher um vazio; não, tudo é uma tentativa, uma proposta, para fazer um caminho deste tipo]. De facto aquilo que eu tinha, a arma que me ajudou nisto, foi só uma: o ser preferido agora. Assim, ao propor a revista, fiz experiência do que queria dizer arriscar o Acontecimento que me tomou e me toma incansavelmente. A venda não foi simplesmente pedir três euros pela revista e o DVD, mas dizer que a minha vida mudou desde que me sinto objecto desta preferência, e que a *Tracce* prova que isto acontece agora a tantas pessoas no mundo. Porque não é a mesma coisa para uma pessoa ouvir que lhe estão a pedir dinheiro por uma revista, ou ouvir contar um facto acontecido. Pois bem, os encontros foram a possibilidade disto. E uma última coisa: basta uma pequena abertura minha em relação à forma como o Mistério escolhe entrar na minha vida para isto poder gerar a mesma possibilidade para os outros. Obrigada por me terem proposto este gesto que me fez voltar a sentir-me preferido». Muito diferente do que instruções de utilização da organização celina! E o mesmo vale para o vídeo. «Querida agradecer-te pelo belíssimo vídeo dos sessenta anos, porque ontem à noite, ao vê-lo, encontrei alguma coisa de excepcional. Ali não há nada de sentimental ou de formal, são pessoas mudadas». Ponto. Porque em toda a parte uma pessoa pode ver o que muda a vida. Por isso todos os avisos que propomos têm um único objectivo, este. Antes de fazer os avisos, leio-vos uma pergunta que me chegou para relançar o trabalho da próxima Escola de Comunidade, para a terem presente, para reconhecerem, para surpreenderem em acção onde está a resposta na experiência, em continuidade com tudo o que dissemos: «Na Jornada de Início de Ano, vê-se bem a proposta de uma estrada, de um caminho. E é exactamente assim que estou a aprender a olhar para a vida. No percurso existem muito frequentemente momentos negros, escuros, em que se perde de vista a clareza do início e não se vê bem por onde se está a andar. Percebo que naqueles momentos se joga muito da vida. Nos últimos tempos encontrei duas pessoas. A primeira é um jovem que começou o seu percurso com uma radicalidade invejável, querendo dar a vida por Jesus; depois sofreu muito, e isto levou-o a uma reviravolta brusca, abandonou aquela hipótese e dedicou-se a um envolvimento social e político sempre num âmbito católico. Agora, quando o encontrei, mudou de vida, encontrou uma bela rapariga e um trabalho discreto; está tranquilo, e está bem assim, naturalmente. Não é um juízo sobre ele que me interessa, mas fez-me pensar naquela frase de Oscar Wilde que dissemos tantas vezes: “Há alguma coisa de trágico nos jovens ingleses. Começam com grandes ideais e acabam com uma profissão útil”. A segunda é uma amiga que, devido a algumas circunstâncias, se encontra numa vida repetitiva entre quatro paredes, belas paredes e boa companhia, mas ainda assim quatro paredes. Não sai, dedica-se a acompanhar uma pessoa idosa. Testemunha-me uma intensidade e uma riqueza de vida que eu, com as minhas mil obrigações, viagens e ocasiões cheias de estímulo, sonho para mim. Estas histórias fazem-me perceber que estamos sempre diante da alternativa entre o caminho e o declínio; para usar a tua bela imagem: gaivotas que voam ou gaivotas que já nem têm a intenção de voar. Assim, o que é que desperta o desejo, a espera, a vivacidade na rotina, muitas vezes ofuscada por estes pontos mortos,

por estes momentos escuros? Vivemos o real, quer queiramos quer não, mas o que é que nos faz viver intensamente o real dia após dia? Às vezes gostaria de ter um desejo maior, mas não sei como mo dar». Vejamos que experiência fazemos, continuando o trabalho da Escola de Comunidade tendo diante de nós esta pergunta, que me parece que todos podemos reconhecer como nossa.

A próxima Escola de Comunidade será quarta-feira dia 19 de Novembro às 21:30. Retomaremos ainda o texto da Jornada de Início de Ano.

Recordo que está activo um endereço de email ao qual podem enviar perguntas e breves intervenções peço-vos para as enviarem até ao Domingo à noite anterior ao nosso encontro de forma a eu ter tempo de as ler. O endereço de email é: sdccarron@comunioneliberazione.org e recomendo-vos que o usem única e exclusivamente para a Escola de Comunidade.

Tracce e Ddv dos sessenta anos. No fim de semana passado fizemos uma venda extraordinária da Tracce de Outubro que traz em anexo o Dvddos sessenta anos do Movimento *A estrada bela*. Aconteceram e continuam a acontecer muitas iniciativas e encontros interessantes. A coisa mais bonita é a experiência que cada um faz, que a torna verdadeiramente grato e feliz com a experiência, como documentam tantos testemunhos que nos chegam de toda a parte. Alguns começaram a escrever estas experiências. Propomo-vos que o façam também escrevendo para este mail: filodiretto@tracce.it e nas redes sociais com o hashtag: [#giornatatracce](#) e [#lastradabella](#).

O Livro do Mês para Outubro e Novembro é: L. Giussani, *In Cammino (1992-1998)*, VIII volume da BUR que conclui a série da Equipe do CLU. Este texto é fundamental devido ao alcance dos seus conteúdos. Lendo-o, poderão ver como nas conversas com os Universitários nos anos 92 a 98 *don* Giussani estava continuamente empenhado em chamar ao essencial, testemunhando-nos o único recurso como estar na realidade como protagonistas: o sentido cristão do eu, o eu despertado pelo encontro cristão, o único freio ao poder do ambiente ou das circunstâncias. Em anos em que a situação externa era muito difícil a sua companhia constante impediu-nos de nos perdermos pelo caminho atrás dos nossos cálculos, e projectos, permitindo-nos viver a novidade trazida por Cristo na pertença à Igreja, no Movimento, como a única possibilidade de fazer um caminho humano. E diante dos desafios daquela época, como diante dos desafios de agora, meçamo-nos bem com aquilo que diz *don* Giussani, porque iremos surpreender-nos por encontrar uma modalidade para enfrentar os desafios históricos que viviam então com um critério que ainda talvez tenhamos de aprender, como é demonstrado pelo modo com o qual enfrentamos os desafios do presente.

Veni Sancte Spiritus